

# Anacleta Pires da Silva: corpo, vida e lutas no e pelo Território Quilombola Santa Rosa dos Pretos (Itapecuru-Mirim/MA)

Anacleta Pires da Silva: body, life and struggles in and for the  
Quilombola Territory Santa Rosa dos Pretos  
(Itapecuru-Mirim/MA)

Anacleta Pires da Silva: cuerpo, vida y luchas en y para el  
Territorio Quilombola Santa Rosa dos Pretos  
(Itapecuru-Mirim/MA)

Recebido em 02-02-2022

Modificado em 01-05-2022

Aceito para publicação em 21-05-2022

 <https://doi.org/10.47456/simbitica.v9i2.39251>

173

---

## **Anacleta Pires da Silva**

Licenciada em Pedagogia da Terra pela Universidade Federal do Maranhão, Brasil. Integrante do Grupo de Estudos: Desenvolvimento, Modernidade e Meio Ambiente (GEDMMA-UFMA). Liderança quilombola do território Santa Rosa dos Pretos, Itapecuru Mirim, Maranhão, Brasil.

E-mail: [mulhernaluta@hotmail.com](mailto:mulhernaluta@hotmail.com)

## **Dayanne da Silva Santos**

Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Maranhão, Brasil. Mestre em Ciências Sociais pela mesma Universidade. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. Integrante do Grupo de Estudos: Desenvolvimento, Modernidade e Meio Ambiente (GEDMMA-UFMA). Bolsista CNPq.

E-mail: [lavignedayanne@gmail.com](mailto:lavignedayanne@gmail.com)

## **Julio Itzayán Anaya López**

Licenciado em Antropologia Social pela Escuela Nacional de Antropología e Historia, México. Mestre em Antropologia Social pela mesma Universidade. Doutorando em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Maranhão, Brasil. Integrante do Grupo de Estudos: Desenvolvimento, Modernidade e Meio Ambiente (GEDMMA-UFMA). Bolsista da CAPES.

E-mail: [itzayan.julio@discente.ufma.br](mailto:itzayan.julio@discente.ufma.br)

---



---

## Resumo

---

“Ser mulher negra na luta é coragem em primeiro lugar, doação de vida pela vida, porque quem doa vida mantém vida”. Nascida da força da encantaria, da luta por territórios livres e em território atravessado pelas logísticas dos projetos desenvolvimentistas, território quilombola Santa Rosa dos Pretos, no município de Itapecuru-Mirim, estado do Maranhão, Brasil. Dona Anacleta narra formas cotidianas de resistir e de existir, e nos mostra como mulheres negras estão desde a margem fazendo o uso político do corpo para existir diante do paradigma da exclusão racial no Brasil e ao mesmo tempo atuarem na linha de frente em defesa da vida. Vozes de pretas, afro pindorâmicas fazem nascer diariamente um novo dia, a esperança. Essas vozes narram territórios dinâmicos e guiados por ontologias outras, que emanam das relações com os encantados do Tambor de Mina. Compartilhamos aqui uma entrevista insurgente realizada no dia 20 de janeiro de 2021 em plena pandemia mundial provocada pela Covid-19. A história de vida costura o lugar da mulher negra na luta quilombola e é contada pela própria Dona Anacleta, conversa que foi realizada pelo aplicativo WhatsApp e transcrita na íntegra. “Pra mudar a sociedade do jeito que a gente quer? É lutar sem medo, sem medo de ser mulher!”<sup>1</sup>.

Palavras-chave: História de vida; Subjetividade; Corpo; Território.

---

### Anacleta Pires da Silva



Foto: Joécio Pires (2021).

---

<sup>1</sup> Cantiga popular sempre entoada junto com tambores e maracás nos encontros dos povos e comunidades tradicionais do Maranhão.

---

## ESCREVIVER

---

### História de Vida como instrumento teórico-metodológico para Mulheres Negras

---

Sou Mulher negra, quilombola, educadora popular, defensora popular de direitos humanos e da natureza, lavradora, poetisa, coureira, compositora e cantora, instrumentista, nascida e criada no Território Quilombola de Santa Rosa dos Pretos, Itapecuru-Mirim/Maranhão. Filha de mãe África, descendente de escravizados e escravizadas nas senzalas. Segunda filha de Libânio Pires e Adalgisa Pires, trabalhador e trabalhadora rural na agricultura familiar, ambos guardiões da natureza. Por conta do sofrimento causado a mim e a meu povo, me doe e me dedico até hoje na luta em prol da vida. Essa caminhada é seguida de respeito as minhas ancestralidades enquanto fonte e fortalecimento da espiritualidade. Sou pedagoga formada pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), pelo curso de licenciatura em pedagogia da terra organizado pelo PRONERA. Sobre essa formação quero destacar que ela foi muito importante para mim, mas seguida de muita dor. A dor está no racismo que povoa nosso sistema educacional, principalmente por conta de todo o processo de precarização da educação, ainda mais da educação no/do campo marcado pelo racismo estrutural e institucional que torna mais difícil o acesso a uma graduação a nós pessoas negras e pretas. Denuncio um abandono e destaco a importância de mais políticas de inclusão e permanência rumo a uma universidade mais humana. Entrei em 2009 no Programa Nacional de Reforma Agrária (PRONERA) e com muita dificuldade só conseguir me formar em 2017, tempo esse, que eu poderia já ter feito meu mestrado. Hoje tenho 54 anos, sou professora e planto amor e revolução. Nessa caminhada agradeço em nome do Horácio Antunes e da Cíndia Brustolin a família de pesquisadoras/es do Grupo de Estudos: Desenvolvimento, Modernidade e Meio Ambiente (GEDMMA/UFMA) do qual faço parte.

175

#### **O que é ser mulher para você? E qual o lugar da mulher no território quilombola?**

Ser mulher para mim, em primeiro lugar é se entender enquanto fonte de alimento, fonte geradora. Essa mulher fornece vida e quando isso acontece, ela tem que ter o compromisso pela vida do cuidar. Então é muito forte o reconhecimento de ser mulher. Ela, em primeiro lugar, tem 70% a responsabilidade vital do nosso social e do nosso ambiental, por meio do seu valor de ser mulher e se sentir a mãe sagrada enquanto sua protetora; a terra é sua protetora é quem nos

protege, então nós somos parte dela. Assim, ser mulher é se sentir capaz de cuidar de si e cuidar dos outros que são fruto de si.

O lugar da mulher no território quilombola (risos) é o lugar de frente. Ela tem que ser a linha de frente pois ela é a experiência do caminhar a partir dos seus atos de organização, de reconhecimento e afirmação do seu papel enquanto responsável pelo envolvimento em defesa da nossa vida. Ela tem que ser linha de frente.

Então, a mulher enquanto linha de frente tem que se ver como eu já disse para todos. O que eu quero dizer com isso é que ela tem que se importar com a vida do seu semelhante, lutar pelo seu semelhante, entender a sua vida em defesa dos seus, daqueles que ela teve a competência de no máximo 9 meses gerar um ser que deveria ser humano, mas como eu já disse: as travas da maldade desequilibram o poder da mulher, e a mulher perdendo isso, não consegue manter o equilíbrio do seu entendimento. Então, temos que quebrar essas travas e dar continuidade ao nosso dever e direito enquanto mulher linha de frente.

### **Quando/como você começou a lutar por seu território? Quais os fatores que ajudaram você a se engajar na defesa do seu território?**

Eu acredito que comecei a lutar quando entendi a dor do sofrimento causada no meu corpo e na minha mente; a partir da falta de alimento, da falta de saúde e de afetividade familiar, pela desestruturação humana e social do nosso povo. Comecei muito cedo essa causa e acredito que aos 7 anos eu já despertava para isso porque já acompanhava minha mãe para ir para a vida sofrida de uma roça, de pescar, de lavar uma roupa sem sabão e nisso entendia que diante do que os meus olhos mostravam a fantasia dos embelezados, nós deveríamos ter uma outra estrutura. Então a partir do que eu sentia diante das necessidades humanas eu via que nós tínhamos que ter uma outra estrutura. Daí em diante que eu comecei a lutar pelo meu território, mas como corpo exposto foi a partir dos meus 16 anos, quando juntamente com o meu pai, comecei a exposição do meu corpo que já era os acirrados das lutas pela regularização fundiária do território e enfrentando o maior inimigo da população ou nossa que se chama pelos diplomatas, de poder jurídico de gestão e dentre outros. Éramos atacados 24h e até hoje essa história é reproduzida, porque isso nada mais é que a escravidão silenciada que ainda permanece como arma de fogo; a gente que conhece, que sente a nossa história, nós que estamos em uma escravidão silenciada e daquilo que era disso ameaça, hoje são ataques. A partir do que a gente ver hoje, os ataques são os massacres descaradamente e sem hora, porque toda hora é hora para isso. Através do entendimento dos inchaços das grandes cidades e das cadeias sem mais lugar para nada e isso

nada mais é que entender os ataques 24h na nossa vida pela luta do território. Assim, quando eu falo da nossa vida é porque temos que entender que somos corpos relacionados, ninguém vive sozinho, nem luta sozinho porque se alguém vivesse e lutasse sozinho tudo acabava no corpo morto, mas não acaba, porque tudo vem de geração em geração. Então é preciso que se tenha esse entendimento.

Sobre os fatores que me levam a lutar, eu vejo que é a vida, esse fator me permite lutar. Defender o território é defender a vida e a vida tem preços iguais. A prova é que ninguém nasce tão diferente enquanto a vida, ela nos permite a respiração; e quem nasce com vida, nasce RESPIRANDO. Então, essas transformações se dão no desenvolvimento, que é o que mata porque se ela viesse pelo envolvimento daria para todo mundo estar sem sofrer pela falta de garantia de direito, porque direito todo mundo nasce com o seu e cada um tem o seu. É por isso que nem tudo que é certo para alguém é certo para o outro e muitas das vezes o que é certo para uns é errado para outros. E disso dá para entender que os nossos direitos vitais têm formas diferentes de serem tratados. Muitas coisas que servem para uma pessoa, não servem para outras e aí que nós deveríamos entender as diferenças e as necessidades para cada dito humano manter aquilo que é direito garantido, ou seja: a vida.

177

**Como é ser mulher negra na luta? Poderia nos contar algum episódio que você tenha sofrido algum preconceito por ser mulher?**

Ser mulher negra na luta é coragem em primeiro lugar, doação de vida pela vida, porque quem doa vida mantém vida. Entendendo isso que “doar vida pela vida” é dizer que a vida formal nada mais é que o fruto do desenvolvimento onde se troca o real pelo formal. E aí a gente perde a sensibilidade e passa a viver por aparência. Assim, é importante ter cuidado com essa passagem do real para o formal quando você se doa na luta pela vida.

Sofrer pelo preconceito, não é? Contar um episódio é manter o entendimento do racismo, que ele norteia a marginalização. E o preconceito do que ouve e do que vê e não mostra o do sentir que é a convivência. O que muitas das vezes para quem não sabe que o que diz que é o nosso sentimento, que não é somente o ouvir, nem o ver. Veja, eu sou muito taxada diante do que traz o racismo de confusão, de criadora de problemas. Então, é uma situação que é do dia a dia. Só que essas questões, não me incomodam em parte. Para desespero da vida, para deixar de lutar por ela, mas ela me entristece; pela colonização tão perversa que encucaram mazelas psicológicas no povo. Primeiro, o que fizeram foi adoecer o nosso povo. Então, eu me empodero, mesmo triste eu me empodero, porque eu tenho convicção de que estou no lugar certo e estou

fazendo um trabalho em prol de mim e dos meus. A gente sofre isso, eu sofro isso no dia a dia e o que mais me entristece muitas das vezes é que quem mais insulta é quem deveria ser mulher; porque somos humilhadas pela questão do gênero, não é? Como por exemplo, uma vez uma funcionária, da dita Vale (essa empresa maldita, que para nós não vale nada), disse que eu era “a famosa”, e a gente ri porque não acredita no que ouve. Eu me perguntei por que ela também não se denominou de famosa, já que trabalha para quem nos oprime. Com tanta gente ali, ela direcionou essa ofensa para mim e eu fiquei me perguntando: cadê o ser mulher dela? E outro episódio foi uma juíza fazendo uma reconciliação também com a maldita, a Vale que para mim não vale nada, onde ela falava desrespeitando ao ser mulher. Ela esqueceu que antes era uma mulher e passou a ser uma juíza. Quando ela reafirmava que ela estava ali com o poder de autoritarismo, mandando eu baixar a voz na audiência e chegou a falar que ela esquento do banco para defender lei, para defender a lei. E eu revidava dizendo para ela, não chamando de autoridade, chamei ela foi de “tu” mesmo (fiquei com raiva) porque se ela perdeu o valor do ser mulher, eu não tenho motivo para obedecer quem perde o valor e eu sou obediente a quem tem valor. Nessa audiência eu dizia para ela que nós sociedade do abandono a gente compreendia tudo isso, sabe? Compreendia tudo isso. Agora que eu não tinha esquentado o banco, como eu usei a palavra: “como tu esquentou!”, mas eu estou a defender a minha vida e a vida do meu povo. E acabou, não é? Ela saiu do gabinete e eu continuei falando até o final o que eu tinha para dizer e a escritã dela ficou registrando tudo. Então, é o meu dia a dia isso (risos), isso para mim não me incomoda para regredir com a luta, só me deixa tristeza. Que é isso que eu falo, essa dor do sofrimento de tanta maldade que fizeram a partir do sequestro da nossa mãe África. E ainda para acrescentar um pouquinho nessas violações, um dia eu me encontrava com meu netinho no hospital e uma funcionária, na qual estava com uma planilha pegando o nome das pessoas para servir alimento, passou por mim, mas não falou nada, (na questão do olhar) da leitura do olhar foi que eu entendi o racismo. Veja, ela foi nas outras companheiras que estavam lá e nós éramos cinco pessoas; ela foi em uma com menos melanina na pele, fiquei observando e em seguida ela foi onde as outras muito rápido e quando se aproximou de mim, virou uma estátua. Depois, se expressou com um tom de revolta para mim, se virou e disse: “Você ao menos sabe assinar seu nome?”. Eu estava com meu neto nos braços e de cabeça baixa, suspendi a vista que eu tinha observado ela, já tinha sentido que ela tinha entrado ali e já tinha percebido o que ela estava prevendo na minha imagem, não é? E aí eu suspendi a vista e disse para ela: “Se eu sei assinar o nome eu não garanto, agora eu quero te dizer que eu sou pedagoga.” Ave Maria! A caneta quase caiu com a planilha da mão dela (risos).

Isso prova a leitura da essência e a leitura da aparência. Que é isso que eu trato muito do real com o formal; porque esse formal é artificial! Então, eu sou para quem me conhece, muito humilde, pé descalço, porque nada vou levar do embelezamento das fantasias. Eu quero levar a minha espiritualidade do que está dentro de mim e do cuidar em primeiro lugar.

**Em sua opinião, qual o lugar que a mulher negra ocupa na produção de conhecimento hoje? E qual sua importância?**

A mulher negra ainda hoje ocupa um lugar na produção de conhecimento, um lugar ainda de recusa, um lugar de silenciamento. Então essa mulher ainda está nesse lugar, mas isso é o lugar, não é o que ela tem, porque a mulher negra, tem aquilo que eu falei do direito que veio com ela. Agora, para tudo tem que ter o tempo, nada sem ele. Então, a mulher precisa entender o seu tempo de inspirações do que ela tem com ela, do que ela nasceu, que são os seus conhecimentos naturais que perpassam de tudo que já vem se falando das relações que ela tem a partir de si e dos seus sentimentos. Ela precisa fazer a travessia, atravessar, atravessar... E ela só faz, nós só fazemos isso, nós enquanto mulher negra, por meio da coragem e do acreditar do ser mulher como linha de frente e nós precisamos urgentemente; isso é coisa do ontem, do agora precisamos entender as nossas posições mediante os nossos conhecimentos, e qual é a nossa importância enquanto o papel da mulher que é essa mulher que tem tempo, que responde com o tempo, essa mulher de prontidão, de compromisso, de consciência (a consciência em primeiro lugar). Porque quando a gente tem consciência do seu eu, do que posso e do que devo a gente consegue se envolver; e só através do envolvimento é que aparece nas suas ações, a sua importância, porque se a gente ficar na teoria e não fazer a junção com a prática (o conhecimento tem que estar na teoria e na prática) que é ação para a gente poder recuperar a nossa importância. Essa importância passa por isso de ter coragem. Então, eu tenho a coragem de ser mulher! Tem um cântico que diz assim:

*Pra mudar a sociedade do jeito que a gente quer  
É lutar sem medo, sem medo de ser mulher  
Pra mudar a sociedade do jeito que a gente quer  
É lutar sem medo, sem medo de ser mulher*

**Como podemos articular as experiências das mulheres para combater as violências e as desigualdades sociais no Brasil e na América Latina?**

Eu acredito que a nossa articulação nada mais é do que as conexões e as trocas de experiências para que a gente possa cada vez mais sempre estar nos reafirmando porque essa

reafirmação que eu falo é nós estarmos nos relacionando para que possamos manter garantias. O que é essa garantia? Segurança! Nós temos que ter segurança no ser mulher, pois segurança mesmo é você poder dizer: “Eu sou mulher, nasci para ser mulher e vou fazer o meu papel de mulher! ”. E para isso, você tem que ter coragem, coragem minhas irmãs, porque é a coragem que nos leva a acreditar no que somos, no que temos, para que nós possamos se envolver no que nos inspira.

Veja, isso é uma questão que nos responde o nosso sentimento e quando esse sentimento responde as nossas boas ações, ele vem através das nossas potencialidades adquiridas pelos nossos relacionamentos nessa luta. Então, essa desigualdade, essa violência, vive permeando/aumentando é por falta de coragem para nós reafirmar o nosso papel de mulher. Então nós temos que enfrentar o que está nos matando, o que vem nos matando e vai nos matar sempre se nós não agirmos com a coragem.

Sempre estaremos cúmplices ao que mata, ao que viola, ao que faz essa mazela da desigualdade social se nós não agirmos em comunidade. Então, para finalizar é dizer que a mulher precisa ter AUTONOMIA diante do seu ser mulher e autonomia do seu ser mulher é ter a contraposição do projeto da morte porque a mulher é a base vital do ser humano, ela que é a base vital. Ela precisa estar se reafirmando nessa contraposição dessa violência e dessa desigualdade tão maléfica e perversa no Brasil e na América Latina. E fora desses dois contextos (Brasil e América Latina), porque a mãe terra é terra universal, é o espaço sagrado. Não podemos nos unificar pensando somente nesses dois contextos, nós temos que defender o todo e é a vida da nossa mãe sagrada: a TERRA. A partir disso, dessa luta e coragem é que vamos ter mais vida e dar mais vida a nossas futuras e presentes gerações.

### Entoando Considerações

*Â é mamãe África somos suas filhas mais você não nos criou  
 Â é mamãe África somos suas filhas mais você não nos criou  
 Fomos arrancadas dos vossos seios  
 E escravizadas nos engenhos dos senhores  
 Fomos arrancadas dos vossos seios  
 E escravizadas nos engenhos dos senhores  
 (Música - Anacleto Pires)*

Asè!

---

### Abstract

---

“Being a black woman in the struggle is courage in the first place, giving life for life, because whoever gives life keeps life”. Born from the force of enchantment, from the struggle for free territories and in a territory crossed by the logistics of developmental projects, Santa Rosa dos Pretos quilombola territory, in the municipality of Itapecuru-Mirim, state of Maranhão, Brazil. Dona Anacleta narrates everyday ways of resisting and existing, and shows us how black women are from the margins making political use of their bodies to exist in the face of the paradigm of racial exclusion in Brazil and at the same time act on the front line in defense of life. Black, Afro-Pindoramic voices give birth to a new day every day, hope. These voices narrate dynamic territories guided by other ontologies, which emanate from the relationships with the enchanted ones of Tambor de Mina. We share here an insurgent interview carried out on January 20, 2021 in the midst of a global pandemic caused by Covid-19. The life story sews the place of the black woman in the quilombola struggle and is told by Dona Anacleta herself, a conversation that was carried out by the WhatsApp application and transcribed in full. “To change society the way we want? It's fighting without fear, without fear of being a woman!

Keywords: Life history; Subjectivity; Body; Territory.

---

### Resumen

---

“Ser mujer negra en la lucha es valentía en primer lugar, dar vida por vida, porque quien da vida, mantiene la vida”. Nacido de la fuerza del encanto, de la lucha por territorios libres y en un territorio atravesado por la logística de proyectos desarrollistas, el territorio quilombola de Santa Rosa dos Pretos, en el municipio de Itapecuru-Mirim, estado de Maranhão, Brasil. Doña Anacleta narra formas cotidianas de resistir y existir, y nos muestra cómo las mujeres negras están desde los márgenes haciendo uso político de sus cuerpos para existir frente al paradigma de la exclusión racial en Brasil y al mismo tiempo actuar en primera línea en defensa de la vida. Voces negras, afro-pindorámicas, dan a luz diariamente un nuevo día, esperanza. Estas voces narran territorios dinámicos guiados por otras ontologías, que emanan de las relaciones con los encantados de Tambor de Mina. Compartimos aquí una entrevista a insurgente realizada el 20 de enero de 2021 en medio de una pandemia mundial provocada por el Covid-19. La historia de vida cose el lugar de la negra en la lucha quilombola y es contada por la propia doña Anacleta, conversación que fue realizada por la aplicación WhatsApp y transcrita íntegramente. “¿Cambiar la sociedad como queremos? Es luchar sin miedo, sin miedo a ser mujer

Palabras clave: Historia de vida; Subjetividad; Cuerpo; Territorio.

---